

Integralismo e Fascismos: exposição entre diferenças e semelhanças

Felipe Azevedo Cazetta

Mestrando em História - Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

felipecazetta@yahoo.com.br

Resumo:

Não é incomum depararmos com comparações entre a AIB e os Fascismos, sendo o primeiro constantemente reduzido à relação de mera cópia ou afiliação dos regimes de extrema-direita. Nesta ótica há a necessidade de delinear fronteiras dentre as semelhanças do integralismo e os fascismos quanto a concepções totalitárias de organização e manipulação das massas.

Palavras-chaves: Totalitarismo, Integralismo, Fascismo

Abstract:

It is not uncommon to come across with comparison between the AIB and the Fascisms, being the first one constantly reduced to the relation to mere copy or affiliation of regimes by extreme-right. In this optics, has necessary to delineate borders among similarities of integralism and fascism as totalitarian conceptions of organization and manipulations of the masses.

Keywords: Totalitarianism, Integralism, Fascism

Breve análise sobre o contexto de surgimento do Integralismo e Historiografia sobre o assunto

Neste esforço de pesquisa, busca-se analisar a filiação do integralismo de Plínio Salgado, especificamente, para com os fascismos europeus que ascenderam ao Poder – ênfase à Itália e à Alemanha. Este caminho será traçado frente às similaridades explícitas entre AIB e Fascismos, ao que tange à hierarquia, à organização para-estatal, aos ritos, às cerimônias e etc.; mas apegando-se igualmente ao aparato teórico-ideológico da AIB, que conforme terei oportunidade de evidenciar, não é limitado apenas a um matiz. Desta forma, objetiva-se tecer uma breve genealogia do Sigma. A pesquisa se concentrará então, nos marcos de 1932 a 1938 (início oficial da AIB e última tentativa de atingir ao poder com a participação de outros setores sociais na intentona integralista, acontecimento que ficou conhecido como *putch* integralista¹), podendo haver transcendência destes recortes cronológicos, visto que a pesquisa se propõe a uma História da Cultura Política.

A AIB, mesmo não sendo o primeiro movimento de extrema-direita no Brasil², foi o que figurou trajetória de maior destaque na penetração de sua ideologia entre as massas. Parte deste sucesso se dá pela relação dialética de causa - consequência, pela inoculação do nacionalismo e do terror entre simpáticos e adeptos ao movimento. Esta relação se faz através de uso, predominante de metáforas em discursos e em escritos, aludindo, entre outras mensagens, o pacto entre o comunismo, o satanismo e o liberalismo. Desta forma, é possível se combater dois males tal como concebe o integralismo - o comunismo e o liberalismo – além de propagar o catolicismo como uma das armas de defesa.

Frente à riqueza de símbolos, rituais e

uniformes, além da postura ideológica nacionalista e de anti-esquerda ser sincrônica à eclosão dos fascismos na Europa a comparação com os mesmos, torna-se inevitável. Desta forma, busca-se analisar a filiação do integralismo de Plínio Salgado, especificamente, para com os fascismos que ascenderam ao Poder – ênfase na Itália e na Alemanha.

O debate que está sendo recuperado, a respeito da composição genealógica do integralismo, remete a uma literatura de cerca de trinta anos atrás, quando os rumos das discussões historiográficas do integralismo, e conseqüentemente a respeito da AIB, tomaram um novo fôlego. Anterior ao ano de 1974, as discussões indubitavelmente meritórias por fornecer o combustível para possíveis polêmicas, deram lugar a novas metodologias de investigação. Este debate continua vivo através de re-significações.

O lançamento da obra *Integralismo (o fascismo brasileiro na década de 30)*, do autor gaúcho Héglio Trindade, em 1974, marcou a modificação no status das polêmicas que cercavam o Sigma. Estas foram refinadas, haja vista a adoção de ferramentas sociológicas e historiográficas, enriquecendo a tradição de ensaios do momento. A metodologia é incrementada pelo apego a um robusto arcabouço teórico e pelo tratamento exaustivo de fontes de naturezas das mais diversas. Esta inovação metodológica originou trabalhos de respeito e dignos de nota. Dois dos mais importantes autores sobre o assunto são: o já citado Héglio Trindade³ e o não menos importante J. Chasin⁴.

Após estes dois marcos referenciais, que são as obras de Trindade e Chasin, surgiram outros nomes que pesquisaram o assunto. Marilena Chauí, Gilberto Vasconcelos, Ricardo Benzaquen de Araújo entre outros, seguindo, mais ou menos, a linha de um ou outro autor forneceram grandes contribuições sobre o assunto, argumentando sobre a inserção ou não do integralismo à esfera

¹ Sobre o assunto, ver: SILVA, Hélio. *1938: Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

² Edgar Carone em: CARONE, Edgar. *A Segunda República (1930-1937)*. Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: DIFEL, 1974. fornece, a partir de fontes primárias um panorama bastante completo dos movimentos de extrema-direita que precederam a AIB. Para uma abordagem mais analítica, Héglio Trindade enriquece o assunto com: TRINDADE, Héglio. *Integralismo (o fascismo brasileiro da década de 30)*. São Paulo: Difel, 1974.

³ TRINDADE, Héglio. *Integralismo (o fascismo brasileiro da década de 30)*. 1974.

⁴ CHASIN, J.. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1978.

dos fascismos. Sob este aspecto que circunda o discurso de cópia que circunda o integralismo, é importante ressaltar que este assistiu ao seu ápice entre os anos de 1970 e 1980, anos que igualmente abrangeram o acirramento das polêmicas e embates entre as teorias cepalinas e as teses dependentistas. Parece ilustrativo o depoimento fornecido por Gilberto Vasconcelos, à respeito da imersão das discussões historiográficas sobre o integralismo, na “teoria da dependência”, ao ponto de situar a situação mimética em um parâmetro de correlato ao binômio centro-periferia.

Arriscaria dizer que na periferia a relação entre base material da sociedade e a superestrutura ideológica é também, para usar um uma expressão familiar à “teoria da dependência”, de “segundo grau”. Tal expressão, ou outra correlata, é recorrente em autores que tentam a exemplo de Fernando Henrique Cardoso, Roberto Shwarz e Florestan Fernandes, fisgar a particularidade do desenvolvimento capitalista no Brasil, sem, contudo hipostasiá-la no sentido de perder de vista que a periferia integra o sistema capitalista global, ou seja, sem esquecer que aqui o regime de classes é o mesmo dos países capitalistas centrais, embora varie sua gênese e sua dinâmica em virtude da dominação externa.⁵

Seguindo esta lógica, Vasconcelos interpreta o movimento integralista como um fascismo aculturado, porém, que não abdica da sua herança modernista, advinda do grupo verdamarco e posteriormente do Anta. Assim sendo, mesmo permeado pelo verniz nacionalista e de originalidade modernista, o integralista estaria possuído pelo conteúdo fascista. Este choque é que estruturaria a aculturação fascista que ilustraria a Ação Integralista Brasileira (AIB). Nas palavras do próprio Vasconcelos:

Ao Estado Integral, caberia restituí-la [a formação da nacionalidade], eis onde desemboca a idolatria nacionalista do elemento pré-colonial. Seu grande desafio, criar uma ‘cultura exclusivamente brasileira’, como insistiram os ensaios de O Curupira e o Carão. O primeiro passo, portanto, seria pôr fim à reprodução dos simulacros europeus. De que modo? Rompendo com as ‘nações velhas’, esquecendo Ocidente. Utopia narcisista vislumbrando um Brasil debruçado sobre si mesmo e auto-suficiente, insulado do mundo; contente da vida, mas assexuado, sem flancos e orifícios: mônada entricheirado pelo cerco do totalitarismo.⁶

Seguindo esta linha, ao nos deter à obra de Chauí e Franco, observa-se um enfoque mais restrito no discurso teórico. Chauí atenta com maior vigor à debilidade retórica e na frouxidão dos elos que costuram a ideologia da AIB em lugar de fazer comparações. A autora descreve uma trajetória tênue, transitando entre as linhas de Chasin (que defende que o discurso de “enxerto” teórico apenas desvaloriza a análise histórica

nacional) e a de Trindade (a cópia é indubitável que ocupa lugar de relevo no Integralismo).

Não cabe, por hora, discutir a significação das necessidades históricas da importação das idéias “em que volta e meia se repete uma constelação na qual a ideologia hegemônica do Ocidente se faz figura derrisória, de mania entre manias”. Que essa importação é determinada pelo ritmo internamente necessário do capitalismo brasileiro para ajustar-se ao compasso da música internacional, é coisa que não duvidamos. Que a importação não é indiscriminada nem recolhe in toto as constelações ideológicas metropolitanas, também não é objeto de dúvida.⁷

Chauí obtém bastante sucesso ao dissertar a respeito da dimensão do movimento, do apoio atribuído à AIB, e ao fato de estruturas já consolidadas encaminharem as massas ao integralismo.

Se o lema “Deus, Pátria e Família” alimenta o catolicismo dos militares e explica seu moralismo na crítica da democracia liberal que destrói os valores sagrados, esse lema também sustenta a atitude anti-comunista, na medida em que o marxismo, o socialismo, o bolchevismo e o comunismo, sendo “materialistas”, são ateus, internacionalistas e destruidores do núcleo familiar. Todavia, é preciso lembrar que as relações da AIB com a Igreja sempre foram complicadas e nem sempre pacíficas, havendo necessidade, a cada passo, por parte do Chefe, de provar sua ortodoxia e apelar para o testemunho de eclesiásticos integralistas.⁸

Fato é que, Marilena Chauí ainda mantém o diálogo já supracitado, com a *Teoria da dependência* e da deterioração dos termos de troca. Linha que Ricardo Benzaquen busca romper com esta linha, com seu opúsculo *Totalitarismo e Revolução*. Inserindo uma discussão iniciada por Chasin, mas não explorada, que é associação do integralismo no âmbito das ideologias totalitárias, e para isso ele responde de maneira afirmativa, porém ressalta a particularidade deste, visto a penetração da influencia cristã no Sigma⁹; além da associação, apontada por Benzaquen de Araújo, entre as propostas conservadoras com o projetos totalitário, definindo “um singular espaço de concordância” na negação da doutrina liberal.¹⁰

Feita o breve levantamento historiográfico de obras que servem de referência introdutória ao assunto, passamos em revista ao recorte cronológico do ártico, correspondente aos anos de 1932 a 1938. A conjuntura nacional não abrangia condições para a instalação do fascismo no país. A “Revolução de 1930” não realizou, tampouco tinha como objetivo, a modificação da ordem política e econômica, antes dominada pela rígida estrutura coronelista. Desta forma, no primeiro momento, não houve a inserção da burguesia nas esferas do Poder¹¹ conforme o reivindicado na Alemanha nazista¹². O governo Vargas possuía forte

5 VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 43.

6 VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. p. 53.

7 CHAUI, Marilena. *Apointamentos para uma crítica a Ação Integralista*. In: CHAUI, Marilena & Franco, Maria Sylvia de Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. pp.35 - 36.

8 CHAUI, Marilena. *Apointamentos para uma crítica a Ação Integralista*, p. 76.

9 ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução: o Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1988. p. 83.

10 ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução: o Integralismo de Plínio Salgado*. p. 79.

11 “Ao se caracterizar a revolução de 1930, é preciso considerar que as linhas mais significativas são dadas pelo fato de não importar em alteração das relações de produção na instância econômica, nem na substituição imediata de uma classe ou fração de classe na instância política.” FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 86.

12 ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 384 a 388.

tendência à manutenção da ordem vigente, ao ponto de estendê-la ao âmbito urbano.

Na verdade, o que reivindicavam as novas elites urbanas, em suas vertentes civil ou militar, era apenas uma coisa: que se abrisse o espaço necessário à representação de interesses a nível do sistema político, de modo que pudessem (...) estruturar seu esquema de dominação nas cidades. Em outras palavras, o processo de expansão e diversificação das populações urbanas, inclusive por efeito da industrialização, colocava o problema de como assegurar ao nível da cidade aquilo que o coronelismo assegurava ao nível do campo; (...).¹³

Contudo, o fato de não ter havido condições pertinentes para a implantação de um regime de raízes nazista ou fascista, não anula a possibilidade da utilização residual dessas teorias, ações e símbolos. Esta relação de apropriação dos instrumentos de coesão do grupo e legitimação do poder foi amplamente usada pela Ação Integralista com adaptações e adições de outras teorias para fins complementares. Porém, ainda que se observe a utilização daqueles aportes de origens Fascistas, nem a AIB muito menos o Governo Vargas estão credenciados a serem inseridos nos movimentos denominados *fascistas* por mais que apresentem similaridades com os extremismos de direita da Europa das décadas de 1920 a 1940.

Gramsci, mesmo considerando a possibilidade de “exportação de ideologias”, alerta sobre o problema de realizar a transição de experiências específicas a um país, para o outro de forma completa e inalterada. “Uma ideologia nascida num país desenvolvido difunde-se em países menos desenvolvidos, incidindo no jogo local das combinações.” Contudo mais a frente o autor italiano completa: “Esta relação entre forças internacionais e forças nacionais ainda é complicada pela existência, no interior de cada Estado, de diversas seções territoriais com estruturas diferentes e diferentes relações de forças em todos os graus”.¹⁴

Destarte, há outras nuances que igualmente compõem o arcabouço do integralismo, que inviabilizam a classificação do movimento de adepto do fascismo, por mais flexível e incomodo de classificação que o conceito de “Fascismo” venha a ser. Assim sendo, pretende-se demonstrar que “uma batata fora do saco não é a mesma coisa que um saco de batatas”, ou seja, mesmo lançando mãos ao fascismo para construir a doutrina integralista, é necessário antes analisar como este foi “encaixado” para consolidar o conjunto teórico do Sigma e relacionado a quais outros componentes para somente então concluir se o integralismo era ou não um exotismo excêntrico em terras brasileiras.

O que mais salta aos olhos inicialmente são as

concepções totalitárias que permeiam tanto fascismos quanto integralismo. Dito isso creio ser pertinente iniciar as exposições das “peças” que compõem o sigma, a partir da sua parte de maior encaixe dentro do jogo de “quebra-cabeça” que é o Integralismo. Trata-se então de falar sobre as relações fascistas no interior do Sigma.

O Fascismo e o Integralismo: sobre o totalitarismo

O totalitarismo é uma divisa comum ao integralismo e aos fascismos, contudo, esta forma de manifestação do poder político assume aspectos distintos mesmo sendo uma das interseções entre as duas ideologias. Enquanto no integralismo, se faz necessária a presença da figura divina no combate ao comunismo¹⁵ e, por conseguinte, ao liberalismo, no fascismo italiano e no nazismo alemão, há o esforço para concorrer com a religiosidade para fundar o culto à nação e à religião cívica, em primeiro lugar, que por si só será suficiente, com a força do líder e o respaldo das massas, para fazer frente à ameaça externa, seja ela o comunismo soviético, o imperialismo capitalista ou o fictício terror do imperialismo semita. Como esboço ilustrativo, há o relato de um autor francês que em viagem à Itália fascista, relata suas sensações sobre aquele Estado, e sobre suas percepções em relação à religião cívica fascista:

Finalmente, como todas suas irmãs, a religião fascista julga possuir a verdade inteira e absoluta. Um dos lugares tenentes do Duce, Bottai, ministro das Corporações, dizia-o ainda recentemente: “Assim como um católico não discute sua fé, também nós não discutimos os dogmas do nosso credo fascista.”¹⁶

Nestes termos, fica exposto, que embora a Itália fosse um país de população majoritariamente católica, o fascismo de Mussolini se colocava como concorrente em potencial do Vaticano, justamente por causa da sensível influência que a Igreja oferecia. Algo um tanto quanto perigoso para uma forma de poder que se pretende totalitária. A perspectiva conflitante não se restringia ao campo religioso/ideológico.

O outro vetor de indisposição para com a Igreja era o imperativo do Estado de que, toda entidade assistencialista que se instalasse no território italiano ou atendesse aos cidadãos italianos, mesmo que no exterior, obrigatoriamente deveria se submeter ao governo fascista – algo engenhoso, pois assim o Estado desfrutava do controle da entidade sem que precisasse investir na mesma, além do que, poderia se beneficiar com o sucesso da organização assistencialista, ou fechá-la sem maiores desgastes para sua imagem.

Contudo, a Igreja Católica não aceitou isso de bom grado, tendo várias de suas obras assistencialistas fechadas pelo governo Mussolini¹⁷. João Fábio Bertonha afirma que “A aproximação e

¹³ MARTINS, Luciano. A Revolução de 1930 e seu significado político. In: *A Revolução de 1930: seminário realizado pelo Centro de pesquisa e Documentação de história Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro, 1980. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1983. p. 670. (Grifo do original).

¹⁴ GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d. p. 51.

¹⁵ “O de que Jesus fala é do ‘próximo’. (...) Se não resolvermos o problema do nosso ‘próximo’, não resolveremos o problema do conjunto de ‘próximos’ que formam a pluralidade humana, ou seja essa abstração que os filósofos socialistas denominam de ‘massa coletiva’.” SALGADO, Plínio. *O Mistério da Santa Ceia*. in. *Aliança do Sim e do Não*. in. *Obras Completas*. v. 6. São Paulo: Editora das Américas, 1955. p. 113.

¹⁶ ROUX, G. *Organização do Estado Novo Italiano (Estudo de Direito Político)*. São Paulo: Saraiva & Cia. Editores, 1937. p.111.

¹⁷ BERTONHA, João Fábio. *Sob o signo do fascio: o fascismo, os imigrantes e o Brasil, 1922-1943*. São Paulo: Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História (IFCH/UNICAMP), 1998. p. 42

colaboração entre as organizações católicas que trabalhavam com emigrantes italianos, e os organismos fascistas ocorreram, mas não no nível de dependência desejado pelo fascismo”¹⁸. De uma forma ou de outra, o poder que o Papa exercia entre os italianos, dentro e fora do país, era minado pelo regime fascista. Quanto à Alemanha, o culto ao líder é dissertado por Plínio Salgado, tingido por um tom de desprezo e surpresa, devido do exagerado enlace da devoção com a religião, conforme fica explícito no trecho de *Palavra Nova de Tempos Novos*, em sua *Carta de Fim de Ano*

A guerra às religiões em “estado latente”, (...) prestes a assar ao “estado patente” (...) é uma consequência natural do misticismo que ali se criou, s em base religiosa, isto é, misturando duas manifestações humanas diferentes, no âmbito restrito do Estado. É a própria concepção do Estado Totalitário no seu máximo exagero, no estilo de César: Chefe Militar, Chefe Civil e Pontífice. (...) misticismo transportado do campo religioso, onde sempre deveria estar, para o campo das atividades políticas; a concepção do Chefe, como um homem diferente dos outros, um semideus, a encarnação de Odin, e a concepção de seus adeptos, como seres inumanos, super-religiosos, porém que, sem um fundamento cristão sincero, ultrapassaram a linha hipócrita do velho puritanismo, atingindo o outro extremo, onde a explosão de todos os recalques acaba se manifestando como negação da própria virtude.¹⁹

Este repúdio ao regime nazista alemão atrelado ao catolicismo exacerbado que acompanha Salgado, oposição esta que se potencializa em resposta à campanha de perseguição ao catolicismo, desenvolvida por Hitler (ver em anexo). Esta promiscuidade, no entanto, entre religião e política recriminada na Alemanha pelo líder da AIB, passou despercebida na Itália, diante dos elogiosos comentários ao regime fascista italiano, ao ponto de declarar, contraditoriamente que “Somos mais avançados que o fascismo, no qual, diga-se de passagem, temos muito que observar e aproveitar; (...)”²⁰

Ao que insere entre as similaridades, entre integralismo e os fascismos, o enfoque que merece atenção principal quanto às similaridades dos modelos de totalitarismo implantado na Itália, na Alemanha, e desejado pela AIB no Brasil, a meu ver, deve ser dado “(...) ao comprometimento da personalidade do subordinado com o objetivo do líder”²¹. Este aspecto é bastante ilustrativo por apontar para dois pontos iniciais imprescindíveis: a caracterização essencial do totalitarismo; e a oposição deste com o autoritarismo, mesmo com ambos muitas vezes se manifestando de maneira intrínseca no momento da tomada do poder.

O Estado Burocrático Autoritário, conforme

afirma Guillermo O’Donnell, é particular a sociedades capitalistas, sendo o Estado capitalista, por sua vez, originado por relações de produção desiguais²², de forma a consolidar a divisão entre elite e marginalizados, quando se tem o poder como referência. Desta forma, o Estado Autoritário, coopta como base de apoio um grupo restrito, fechado e aristocrático, com representantes provindos das elites civis e/ou militares, com a finalidade de “purgar” o poder dos elementos que provocavam ou “tenderiam” a provocar “distúrbios” – justificando assim a restrição da composição do grupo dirigente; o totalitarismo exige a criação de um líder carismático, frente à natureza distinta do respaldo, em relação ao autoritarismo.

Ao passo que este se apóia na elite civil ou militar, aquele se sustenta pela simpatia das massas - basta recuperar que o fascismo italiano subiu ao poder com apoio amplo da população, Hitler foi eleito democraticamente, Plínio Salgado se lançou como candidato à presidência do Brasil em 1936, antes da instituição do Estado Novo, e Mussolini foi empossado com o aval do rei Vítor Emmanuel após a marcha sobre Roma. Em suma, a democracia liberal, em contexto de instabilidade, é propensa e suscetível a ascensão de regimes totalitários, mas, teoricamente, não pode se dizer o mesmo quanto ao autoritarismo²³.

Essa diferença é crucial entre as duas formas de Estado de exceção. Ao termo que há o distanciamento dos governados, pelo regime autoritário, por julgá-los incapacitados de reparar, por eles mesmos os “desequilíbrios” que se instalam no poder, tampouco serem dignos de participação política²⁴; é vital para o totalitarismo a *aparência* fornecida à massa, de que esta faz parte das decisões políticas tomadas pelo chefe de Estado. Esta *ficção* estabelece a identidade dissertada por Moore, entre líder e subordinados, relação que pouco ou nada importa a uma junta de governo autoritária. Tais características já apontadas situam integralismo e fascismos, como movimentos de instâncias totalitárias.

Contudo, não basta somente essa relação de fidelidade entre líder e governado para se consolidar o regime totalitário. Há a necessidade do emprego do terror constante como forma de propaganda, voltado diretamente para os fins políticos. É crucial para os partidos totalitários o movimento tanto físico quanto psicológico do terror. É sempre presente a idéia de conspirações, ou um mal maior que assole a estabilidade interna – seja este “mal” o liberalismo cosmopolita, o comunismo ou o perigo semita de dominação do mundo - que legitime a árdua situação do momento.

Desta forma, a consolidação de uma utopia, que se tem por certo, não ser atingida ou se fazer em

¹⁸ BERTONHA, João Fábio. *Sob o signo do fascio: o fascismo, os imigrantes e o Brasil, 1922-1943*. p. 42.

¹⁹ SALGADO, Plínio. *Palavra Nova de Novos Tempos* In SALGADO, Plínio. *Obras Completas*, vol. VII. São Paulo: Editora das Américas, 1955, pp. 292-293.

²⁰ SALGADO, Plínio. *O Grande Sentido do Século XX*. In. *A Quarta Humanidade*. in. *Obras Completas*, vol. 5. 2ª edição. São Paulo: Editora das Américas, 1957. p. 102.

²¹ MOORE, Barrington. *Poder político e teoria social: sete estudos*. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 26.

²² O’DONNELL, Guillermo. *Análise do Autoritarismo Burocrático*. Tradução de Cláudia Shilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pp.24-25.

²³ Uma tendência importante da sociedade moderna (...) pode se ver no fato de que cada grupo tende a desenvolver sua própria perspectiva e a desengajar-se da interpretação pública de ordem existente. Esta é também a razão do conhecido, mas pouco explicado fenômeno de que a democratização, em sua primeira etapa, não produz igualdade em unidade universal de pensamento, mas acentua divergência entre grupos.” MANNHEIM, Karl. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1974. p. 77.

²⁴ Como exemplo desta auto-significação dos regimes autoritários Rosana Castiglioni expõe que: “Como ocorre em outros regimes autoritários, a principal ideologia dos militares chilenos era a doutrina de segurança nacional. A eleição e um governo socialista e os crescentes níveis de popularização política que precederam o colapso democrático contribuíram para a radicalização das idéias militaristas. Isso por sua vez estimulou uma autoproclamada missão fundadora eu buscava criar um “novo Chile”, transformando estruturas institucionais políticas, econômicas e sociais.” CASTIGLIONI, Rosana. *Pensões e Soldados: o papel do poder, dos atores políticos com poder de veto e das ideologias sob o regime militar no Chile e no Uruguai*. In COELHO, Vera Schattan P. (org.). *A Reforma da Previdência Social na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 69.

um longo tempo, que as vidas humanas não comportam – sintomas esses de uma exponencial atomização da população é o princípio vital de um regime totalitário, pois a partir do presente sombrio e da promessa de um futuro melhor, a violência no primeiro momento e o terror são aceitáveis e legitimados. Esta característica é expressamente encontrada nos programas dos movimentos totalitários. Por estar trabalhando apenas com movimentos de extrema-direita cito duas passagens, referentes respectivamente a nazismo e ao integralismo:

Himmler, que conhecia também a mentalidade daqueles a quem organizava, descreveu não apenas os membros da SS, mas as vastas camadas de onde os recrutava, quando disse que eles não estavam interessados nos ‘problemas do dia-a-dia’, mas somente em questões ideológicas que ‘trabalham numa grande tarefa que só aparece uma vez a cada 2 mil anos.’²⁵

Plínio Salgado é mais modesto em seus prazos de longa duração, quando diz que “Nossa campanha durará, pelo menos um século. Os camisas-verdes realizarão paradas e desfiles, conferências, cursos, estudos, não com a mentalidade dos galináceos, que não consideram nada além do exíguo terreiro, mas com a visão das grandes aves de asas abertas no infinito azul.”²⁶ A adesão em massa a este tipo de discurso, demonstra a necessidade de pertencer a um grupo, pouco importando que os integrantes possam ver o resultado final de sua ação. Em outras palavras há a sobreposição da massificação, em detrimento do instinto de autoconservação por parte dos indivíduos massificados.

Todavia, ainda que diante da abrangência dentro do mesmo conceito, os movimentos possuem diferenças ora extrínsecas ora inerentes a si. Moore aponta alguns tipos-ideais para explicar os mecanismos de eclosão para as lutas pela poder, dentre estes estão:

O primeiro caso, o mais simples, é aquele em que a sociedade empreende uma nova série de atividades que, pela própria natureza, requerem elevado grau de coordenação central. O segundo, muito mais complexo, ocorre quando um choque externo ou uma decadência interna produz um movimento no sentido da compulsória reintegração da sociedade, em padrões novos ou parcialmente novos de comportamento.²⁷

O autor aponta diferenças interessantes que podem abranger as dissidências conjunturais que se pretende explicitar entre fascismos e integralismo. Não há dúvidas que Brasil e Europa viviam momentos distintos em seus respectivos percursos, em outras palavras, neste modelo

proposto por Barrington Moore, o primeiro caso poderia ser aplicado ao contexto brasileiro; enquanto a Alemanha principalmente, mas também a Itália e todo o restante da Europa amargavam um período de depressão por terem sido palco da I Guerra Mundial, sofrendo colapsos econômicos e políticos, sincrônicos à tarefa de reconstrução. Desta forma, mesmo sabendo que estes modelos propostos são tipos ideais, que podem ser utilizados nas mais diferentes conjunturas ao longo da História, estes momentos díspares podem ser encontrados nas falas e queixas das lideranças do Sigma e do Nazismo.

No conjunto das obras de Plínio Salgado, são inúmeras as referências ao período de transição e mudanças estruturais nos setores sociais e econômicos do país, contudo, optou-se por um de seus romances, “O Esperado”, absolutamente embebidos em sua ideologia anti-burguesa liberal e anti-cosmopolita, anti-comunista, e nacionalista onde – ironicamente -, o autor escreve no prefácio da primeira edição que: “Este romance não defende nenhuma tese. Expõe uma situação e procura marcar tipos expressivos de uma sociedade angustiada.”²⁸ Falas um tanto quanto estranhas para quem satiriza os marxistas, taxando-os de “metafísicos do ‘materialismo histórico’”, ou os anarquistas de “A expressão negativa de todas as comunhões.”²⁹

Apenas para citar duas amostras das sensações que o autor transparece sobre as mudanças daquilo que Salgado chama de “estado de espírito do país”, logo no prefácio da terceira edição daquele livro, o líder integralista expõe que “Desde a revolução política de 30, criou-se um estado de espírito novo no Brasil. Daí o súbito aparecimento de inúmeros ‘romances sociais’”.³⁰ E completa com a contraposição do Brasil urbano e acelerado das décadas de 20 do século passado, com o agrarismo encontrado no interior do país convivendo sincronicamente:

Carrilhões azuis! E as fábricas que magem – tornos zumbindo, limas-cigarras cantando nos ossos de aço, fornalhas, teares troantes; e, longe, os tratores arranhando, em todos os sentidos, a terra; arados mordendo o peito do sertão; cantigas matrimônios, germinações fervendo, vozear irrealizado de vozes...³¹

O que importa para o momento é a observação das dissonâncias do momento vivido entre Brasil e Europa. Ambos passam por crises entre as décadas de 1920 e 1930, contudo são momentos distintos observados com excelência por O’Donnell, quando expõe 4 modelos de instabilidade que os Estados democráticos podem vir a sofrer. Observemos dois destes, pois serão estes os mais úteis:

Um segundo nível é o de *crise de regime*. Isto é, não só grupos expulsando do governo, mas

²⁵ Discurso de Heinrich Himmler sobre a “Organização a dever da SS e da polícia”. apud. ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 365-366.

²⁶ SALGADO, Plínio. *Desfaldar Bandeiras*. in. *Palavras novas dos Tempos Novos*. in. *Obras Completas*. v. 7. São Paulo: Editora das Américas, 1955. pp. 256-257.

²⁷ MOORE, Barrington. *Poder político e teoria social: sete estudos*. p. 12

²⁸ SALGADO, Plínio. *O Esperado*. In. *Obras Completas*. v. 12. São Paulo: Editora das Américas, 1955. p. 23.

²⁹ SALGADO, Plínio. *O Esperado*, p.365.

³⁰ SALGADO, Plínio. *O Esperado*. p. 18.

³¹ SALGADO, Plínio. *O Esperado*, p. 41.

também colocando a pretensão de instaurar critérios divergentes de representação e canais de acesso a esses papéis. Isso também não é intrascendente, já que pelo menos, revela desacordos potencialmente explosivos entre as “elites” que assim competem. (...).

Outra é uma crise de acumulação. Resulta ação de classes subordinadas que, enlaçadas ou não com crises já discutidas, são percebidas pelas classes dominantes como se obstaculizassem sistematicamente um funcionamento da economia e uma taxa de regularidade de acumulação de capital, definidas por estas como satisfatórias (...).³²

Compreende-se, portanto, que, enquanto o momento político-econômico brasileiro, era de transição de uma elite agrária em declínio, para um desenvolvimento inicial para o âmbito industrial, com presente investimento das “novas elites” cafejeiras, e seu escoamento industrial da lavoura para a fábrica, a Alemanha e a Itália, assistiam com temor o desenvolvimento da cultura política operária, acentuada no período entre - guerras.

Gramsci, em sua obra “El ‘Risorgimento’”, relata a tensão que circunda a unidade nacional italiana e, mesmo após o processo, a turbulência política que eclodiu com maior intensidade entre os anos de 1919 e 1926 – período que compreendia o recorte que ficou conhecido os “Anos de Grande Medo”³³. Há a organização inicial, neste período de camponeses e operariado na realização de paralisações e greves, o que desestabiliza os setores aristocráticos mais fragilidades no período pós-formação do Estado nacional:

(...) en 1920 los latifundistas sicilianos se reunieron en Palermo y pronunciaron un verdadero ultimátum contra el gobierno “de Roma” amenazando con la separación, (...) muchos de estos latifundistas continuaron manteniendo la ciudadanía española e hicieron intervenir diplomáticamente al gobierno de Madrid (caso del Duque de Bivona em 1919) para que protegiera sus intereses amenazados por la agitación de los campesinos ex combatientes.³⁴

Na Alemanha, Barrington Moore expõe que a debilidade e temor da burguesia, convergiram para a constituição da aliança para com a aristocracia, na tarefa de modernização industrial, o que evidentemente suscitara a modificação estrutural política, econômica e social, principalmente no cotidiano dos setores inferiores da sociedade alemã. Temendo pela reação dos setores populares, operariado e camponeses, há a implementação de uma política excludente dos mesmos, beneficiando – buscando silenciar – os revoltosos em potencial com políticas sociais, tais

como ampliação e desenvolvimento dos direitos trabalhistas³⁵.

Os fatores presentes na Itália e na Alemanha, a partir de Gramsci e Moore, caminham para o processo que o autor de *Origens Sociais da Ditadura e da Democracia* chama de *modernização conservadora* ou *Revolução vinda de cima*, atualizando o conceito de *via prussiana* de Lênin. Este termo é utilizado por Moore para descrever a conjuntura interna do Japão, da Itália e da Alemanha, países que tiveram o fascismo como alternativa política ao poder, no momento de crise. Nesses termos, Moore aborda, utilizando o conceito de modernização conservadora que:

No Japão, a noção de compromisso total perante a autoridade proveio, aparentemente, mais do aspecto feudal da equação do que de seu aspecto monárquico. Também na Itália, onde o fascismo foi inventado, não havia uma monarquia nacional poderosa. Mussolini teve de chegar à antiga Roma para conseguir encontrar o simbolismo correspondente.

Numa fase posterior do discurso da modernização, é provável que apareça um fator novo e crucial, sob a forma de uma coligação grosseira entre os setores influentes das classes fundiárias e os interesses comerciais e industriais emergentes. (...) Marx e Engels, na sua dissertação sobre a revolução abortada de 1848 na Alemanha, embora errados em outros aspectos, puseram o dedo neste ingrediente decisivo: uma classe comercial e industrial demasiada fraca e dependente para tomar o poder e governar por seu direito próprio, e que, por isso, se lança nos braços da aristocracia proprietária e da burocracia real, trocando o direito de governar pelo direito de ganhar dinheiro. É necessário acrescentar que, mesmo que o elemento comercial e industrial seja fraco, deve ser suficientemente forte (ou em breve tornar-se suficientemente forte) para constituir um aliado político digno de valor. Caso contrário, pode surgir uma revolução camponesa que leve ao comunismo.³⁶

Não por acaso, este diagnóstico é bastante parecido com o feito por Trindade para o Brasil pré-1930³⁷. Porém alguns dos itens em comum entre o esquema de Moore e o de Trindade, não se comportam de maneira confortável, quando inseridos na realidade brasileira. Existem algumas diferenças, que por mais sutis que possam ser, fazem-se necessárias de serem consideradas. São estas dissidências, além de vetores intrínsecos aos movimentos, que são divergentes e inconciliáveis entre fascismo e integralismo, que serão abordados no item a seguir.

32 O'DONNELL, Guillermo. *Análise do Autoritarismo Burocrático*. pp. 53-54.

33 Angelo Trento apresenta que os “Anos de Grande Medo”, situados entre os anos de 1918 e 1920, receberam este nome, pois compreendia o retorno dos ex-combatentes, grande parte impossibilitados de retornar às suas antigas atividades, anteriores à I Guerra, além do custo de vida assistir a um aumento de 30 a 40% ao ano, e a organização de diversos movimentos de greve, ora por melhorias nas condições salariais, ora por motivos diretamente políticos. No setor industrial foram 300 em 1918. Em 1920, esta cifra salta para 1880 graves. No campo, ainda no ano de 1920, mais de 1 milhão de trabalhadores cruzaram os braços. TRENTO, Angelo. *O Fascismo Italiano*. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 12.

34 GRAMSCI, Antonio. *El “Risorgimento”*. Buenos Aires: Granica, 1974. pp. 106-107.

35 “A situação durante a primeira metade do século XIX. E mesmo consideravelmente mais tarde, contrasta muito acentuadamente com a que existiu na Alemanha, onde nessa altura (e mais tarde também) uma burguesia mais fraca se apoiava na aristocracia proprietária de terras próprias de terras para se proteger do descontentamento popular e levou a cabo medidas políticas e econômicas necessárias à modernização.” MOORE, Barrington. *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. Tradução de Maria Ludovina F. Couto. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p.41

36 MOORE, Barrington. *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*, p. 433.

37 “Mas é a análise de José Nun que se aproxima mais de nossa hipótese avançada sobre o comportamento das classes médias nos anos 30: sua instabilidade decorre do fato de que se trata de uma ‘classe média frustrada, enquanto burguesia’. E ele justifica esta assertiva, observando que ‘o sistema de representação política de novos setores da classe média, articula-se no quadro de hegemonia oligárquica e as condições objetivas de seu desenvolvimento não lhe conduzem a entrar em conflito radical com esse quadro. Daí o caráter fundamentalmente conservador de sua consciência política.’” TRINDADE, Hélgio. *Integralismo (o fascismo brasileiro da década de 30)*. p. 149.

Os Fascismos e o Integralismo: o que une e o que diferencia

A relação e o contato entre as duas ideologias e os movimentos em questão, com ênfase na influência do regime de Mussolini para com a AIB, é marcado por avanços e retrocessos no que tange à assimilação do primeiro pela segunda. Estes movimentos, ora de aproximação ora de negação entre o integralismo e os fascismos, são estratégias adotadas pela Ação Integralista, conforme, principalmente, o contexto histórico e a opinião pública a respeito dos governos de extrema-direita da Europa.

Mesmo diante da nítida contribuição teórica fornecida pelos fascismos ao integralismo, é necessário fazer algumas pontuações quanto à origem destes afluentes teóricos. Salgado insistia em ressaltar o caráter agnóstico do nacional-socialismo como forma de repúdio deste, em detrimento do fascismo italiano. Aspecto que, considerando a influência católica que beira ao fanatismo qual Salgado é permeado, possui lugar importante, mesmo considerando as relações pouco amistosas entre Mussolini e a Igreja Católica, ainda assim, melhor que o comportamento de Hitler para com as religiões na concepção do chefe da Ação Integralista (conforme visto na página 8 deste artigo).

Outros fatores pesam contra Hitler, tais como o racismo e a supressão das massas, que segundo Salgado era facultado apenas ao nacional-socialismo e ao socialismo soviético³⁸, poupando o fascismo italiano desta análise. Na esteira oposta, há o contato do integralismo, segundo Plínio Salgado, com o “(...) fascismo italiano, ao qual somente nos assemelhamos no concernente à nova atitude do Estado, em face da luta social.”³⁹ Conforme veremos, não era apenas essa a semelhança entre o movimento de massas brasileiro e o regime de massas italiano, tampouco era destinada participação diminuta do nazismo conforme o narrado por Plínio Salgado, na teoria do Sigma.

Para esclarecer tais questões, reservo-me à análise de aspectos importantes que se confrontam - tanto para as semelhanças, quanto para as especificidades - entre o nazismo, o fascismo italiano e o integralismo neste âmbito. A seguir, far-se-á a abordagem de como ambos os regimes (fascismos e integralismo) se comportavam e qual a função da religião, do racismo e da violência, para a manutenção da coesão e da ordem interna e da busca pelo poder.

A religião é bastante cara para apontar as diferenças entre integralismo e fascismo, pois é neste campo que se sustentam, por exemplo, as estruturas do totalitarismo integralista de Plínio Salgado - ao contrário dos fascismos, que defendem a preservação da raça e a manutenção

do corporativismo como vetor do totalitarismo -, mas não somente isto. É no catolicismo que Salgado encontra justificativa para sua teoria de Raça Harmoniosa e anti-racista, além de encontrar nos ditames divinos os rumos da Revolução qual o líder da AIB propaga como sendo a ideal, porém, curiosamente, o chefe da AIB enreda o integralismo como teoria anti-messiânica. Estes pontos serão desenvolvidos um por um nesta parte da pesquisa.

Adorno expõe que “O anti-semitismo racista quer se abstrair da religião. Ele afirma que se trata da pureza da raça e da nação. Os nacional-socialistas notaram que os homens há muito deixaram de se preocupar com a salvação eterna”.⁴⁰ Salgado, ao contrário afirmava a religião, imiscuindo-a a ideologia política. São recorrentes em seus textos as associações do comunismo para com satanismo, e que o destino teleológico do integralismo perpassaria por uma nova cruzada contra o “mal”⁴¹. Nesta tarefa, Plínio imputa ao comunismo a ao materialismo burguês, todas as degenerescências morais, com o fim de tornar, através de uma significação mecânica e cambota, o comunismo um sintoma do estilo de vida burguês cosmopolita.

Observando o trecho: “Satanás é o comunista que assassina à traição. Satanás é o homem rico e feliz, que assiste esse crime e sorri”⁴², há um desequilíbrio entre riqueza simbólica e pobreza de significantes. É presente a relação de cumplicidade entre o comunismo e o “homem rico”, ligados pelo vínculo de ambos encarnarem a figura de Satanás, e os dois serem, de alguma forma, traidores - enquanto um assassina, o outro assiste com complacência. Entretanto, não há qualquer explicação a respeito deste vínculo entre Satanás, o burguês e o comunista, apenas a constatação.

Neste ímpeto, a traição pode se referir tanto ao indivíduo ou família quanto à traição da nação, pois segundo Salgado:

Muita gente há que se diz socialista e acreditar em Deus. É porque não estudou o socialismo. O socialismo baseia-se no materialismo. Outros há que apóiam o comunismo, o esquerdismo de todos os matizes, dizendo-se respeitadores da família, absurdo que depõe contra a inteligência de quem o adota, pois o comunismo quer destruir. Outros há que falam em Pátria, sendo partidários dos bolchevistas. Todos esses não passam de “fôrças de vanguarda”, dos quais Lenine desdenha e se aproveita.⁴³

Sob esta lógica, tão retilínea e simplória, é que se consolida o *slogan* integralista de “Deus, Pátria e Família”. Contra estes três pilares se ergue o inimigo a ser combatido, que é o Capitalismo e o Comunismo, que segundo Salgado “são dois nomes para designar a mesma coisa: o materialismo”.⁴⁴

38 “Oriundo das massas, e não do povo organizado segundo as hierarquias racionantes, trouxe, como vício de origem, o capricho despótico das multidões tornadas agora passivo instrumento./Em luta tão desigual, o Homem sucumbia, ficou somente a coletividade dos dois totalitarismos em voga: o nacional-socialista e o internacional socia-lista.” SALGADO, Plínio. *Primeiro, Cristo!*, p. 135.

39 SALGADO, Plínio. *Primeiro, Cristo!*, p.83.

40 ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, p. 164.

41 “Vivendo numa época semelhante à da invasão maometana contra o ocidente repetimos, como no tempo das cruzadas, o episódio maravilhoso da união e do bom combate em que se empenham todos os que se esforçam para salvar os valores legítimos da civilização cristã, aperfeiçoando-a ainda mais.” SALGADO, Plínio. *Páginas de Ontem*. In: *Obras Completas*. v. 10. São Paulo: Editora das Américas, 1955. p.196.

42 SALGADO, Plínio. *Primeiro Cristo!*, p. 244.

43 SALGADO, Plínio. *Primeiro Cristo!*, p. 218.

44 SALGADO, Plínio. *Primeiro Cristo!*, p.229.

Chega-se a esta ótica através de distorções e uma perspectiva absolutamente linear do materialismo histórico, que como se sabe tem na dialética a razão de ser de sua existência e sentido teórico e prático.

Referências a “Deus, Pátria e Família” são de baixa constatação tanto no hitlerismo quanto no fascismo italiano, exceto quando os líderes dos referidos regimes se colocam, eles próprios, como os messias ora para a preservação da integridade da raça ora para a salvação econômica, pela modernização via centralização totalitária. Ao contrário, o totalitarismo integralista se manifesta fortemente pelo viés da religião, sendo que “Se não cai uma folha sem que seja permissão de Deus, segue-se que tudo o que se verificou na História obedeceu a um pensamento superior. Lutamos contra o mal; mas às vezes êste triunfa. É o mistério, que a nossa compreensão limitada no tempo e no espaço não pode penetrar”.⁴⁵

Sob este bastião, há a rejeição ao racismo pelo princípio cristão, bem como a assimilação do conceito de “Raça Cósmica” - que se baseia na fusão das raças presentes no continente americano para consolidar a “raça harmoniosa” - formulado pelo escritor mexicano José Vasconcelos, quando Salgado disserta a boa vontade em receber estrangeiros no seio da nação. O líder da AIB faz o convite:

Vem comigo, estrangeiro, a esta colina sagrada. Presta bem atenção nos grupos de romeiros que acorrem, constantemente aos pés de Nossa Senhora. São homens e mulheres morenos, louros, negros, caboclos, mulatos, africanos, europeus, asiáticos, trazendo das flores da fé e da esperança num preito de amor. É a confraternização de todas as Províncias Brasileiras, realizando a Unidade Nacional sobre a base de um sentimento comum. É também a confraternização dos povos oriundos de todos os países da terra, que vieram a esta parte do Novo Mundo fundir-se, através das gerações para a formação definitiva de uma nação que desconhece os preconceitos da raça. Vê: é uma Virgem Morena. A Sulamita do “Cântico dos Cânticos” quer significar, pela côr desta imagem, que o verdadeiro cristianismo não pode conceber discriminações raciais.⁴⁶

Este cenário exposto por Salgado é impensado na realidade fascista da Itália e da Alemanha. A primeira questão diferencial é a necessidade do integralismo de Plínio Salgado em se escorar ideologicamente, no universo religioso. Por mais que o chefe da AIB ignore o fato, era uma necessidade essencial para Mussolini fazer sua ideologia de Estado se transformar em uma religião cívica. Idéia esta que inevitavelmente era incompatível com qualquer outro tipo de religião a não ser a pregada pelo *Duce*, ou seja, o Fascismo italiano.

Outro motivo de rescisão com o Vaticano, é a proximidade geográfica de Roma, emanando discursos e intenções muitas vezes concorrentes as do Estado fascista italiano, sendo vital para a permanência hegemônica inquestionável qual necessitava a hierarquia corporativa de Mussolini. A secção entre Igreja e governo era algo crucial, que passou a ser inevitável para a manutenção do sistema totalitário e reforço da ficção interna.⁴⁷

Na Alemanha o desenrolar dos acontecimentos se manifesta de forma mais sutil, não havendo uma segmentação, e sim uma incorporação e resignificação, não somente dos princípios cristãos⁴⁸ como do folclore germânico.

Em outros lugares, observa Dumézil, a invocação das crenças dos antepassados se manteve artificial e retórica. Na Alemanha, pelo contrário, há 150 anos, as “belas lendas” dos germânicos foram não só popularizadas, mas também remesticizadas: elas se tornaram, em sentido estrito, mitos, já que justificam, provocam, sustentam comportamentos individuais e coletivos que tem todas as características de sagrado.⁴⁹

Contudo, a referida “boa vontade” em receber o estrangeiro, esboçada nos escritos de Plínio Salgado, apresenta alguns ruídos e aspectos que merecem ser mais bem trabalhados. Se retornado ao trecho citado, de “Geografia Sentimental”, o líder da AIB não utiliza os verbos *aceitar*, *receber*, *acolher*. Isto se repete enquanto a temática de imigração no Brasil. Ao se referir ao comportamento para com os emigrados, do utópico Estado Integral, Salgado utiliza termos tais como *fundir*, *integrar*, *incorporar*.

A título de exemplificação, no *Manifesto de Outubro de 1932*, documento fundador da AIB, que expõe de maneira sucinta o programa do integralismo, está escrito: “O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros paizes, *que aqui trabalham para o engrandecimento da Nação Brasileira (...)*”.⁵⁰ Neste ponto, por trás de uma suposta hospitalidade, há o tratamento meramente utilitarista para com os “filhos das Nações amigas”, onde estes são bem vindos desde que contribuam para “o engrandecimento da Nação Brasileira”.

A fé católica de Plínio Salgado esbarra em seu nacionalismo. Ao designar o imigrante, ainda no trecho utilizado de *Geografia Sentimental*, o chefe da AIB, faz uso da palavra *fundir*, não por acaso. Não há intenção alguma por parte do Sigma, em preservar, ou respeitar culturas estrangeiras no Estado Integral.

A base política prática do Estado Brasileiro deve

45 SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1954, p. 13.

46 SALGADO, Plínio. *Geografia Sentimental*. In: *Obras completas*. v. 4. São Paulo: Editora das Américas, 1955, p. 142.

47 ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, p.174.

48 ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, p. 164-165.

49 GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 184.

50 SALGADO, Plínio. *Manifesto de Outubro de 1932*. São Paulo: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932, p.3.

inspirar-se na realidade do fator geográfico, que tem por consequência imediata o espírito municipal e o espírito provincial, realizando um perfeito equilíbrio dessas forças, em relação da única força dominadora que é o Poder Central. Deve por outro lado, consultar a realidade do fator histórico, da nossa formação espiritual e moral; como deve interessar-se pela índole originada dos elementos étnicos que entraram na composição do povo brasileiro e foram modificados pela ação cultural.⁵¹

O imigrante ocuparia posição submissa e passiva diante da aculturação impelida pelo Estado Integral – algo que pouco, ou nada, destoa da lógica do Governo Vargas, na campanha de nacionalização das etnias e colonização das áreas inóspitas do país, durante o Estado Novo. Outro possível eixo de perspectiva, a partir do discurso ideológico de formação da “Raça Harmoniosa”, a iniciar pelo Brasil e se alastrar para todo o continente americano, em uma fusão étnica é o ocultamento de uma possível política expansionista no continente, semelhante à “Teoria do Espaço Vital” desenvolvida e posta em prática por Hitler. A diferença, porém, é que Hitler afirmava o expansionismo pela segregação, ou seja, o *Pangermanismo*, enquanto Salgado propunha a miscigenação para a consolidação de seu ideal.

Contudo, são nítidas as áreas de contato entre o integralismo e o fascismo como ideologia. Nem Plínio Salgado escondia isto, tampouco é este o objetivo deste esforço de pesquisa, o de negar estreitamento de laços entre a AIB e o Fascismo – nunca é excessivo repisar este ponto. O que se busca aqui é analisar as idéias, e a inserção destas, nos discursos de Salgado, tratando este como ator ancorado a uma realidade social, pois “Dizer que um discurso é um evento, é dizer, antes de tudo, que o discurso é realizado *temporalmente* e *no presente*, enquanto que o sistema de língua é *virtual* e *fora do tempo*”.⁵² Assim, a pesquisa entende Salgado como portador de críticas ao seu contexto político e sócio-cultural. O líder da AIB, neste sentido, possuía ambições de promover a emergência de uma “nova cultura” para afastar a “crise do pensamento”, que segundo Salgado, assolava o país.⁵³

Para atingir sua *reforma no pensamento*, não era, em absoluto, repulsiva a idéia de cooptar experiências que se sobressaíram quanto à tomada do poder, e pudessem demonstrar certa coerência em conjunto, em relação às ambições do movimento. Neste leque de opções dispostas à AIB, se encontram os Fascismos, com maior ênfase – conforme já dito acima – ao italiano. Mas não houve apenas esta ideologia, como viés de escolha a ser apropriado como discurso e ação.

Conclusão

É indubitável que o diálogo entre o integralismo para com o fascismo aconteceu de fato, porém não se pode superdimensionar essa relação ao ponto de afirmar uma transposição do fascismo – pertencente a uma realidade política, econômica e cultura, fomentado por ocasiões outras que as que eram imperativas no Brasil – interpretando a AIB como um enxerto em território nacional. Desta forma, se oblitera o problema que foi o integralismo, com o mimetismo de um tormento externo a nós, e uma ideologia excêntrica que surgiu tão misteriosamente quanto desapareceu.

A AIB contou com a adesão de 1.400.000 membros⁵⁴, sendo, a partir desta cifra, pouco provável que, para o momento aqueles signatários nutriam realmente a crença de que o que estavam fazendo parte era uma ideologia alheia à realidade que viviam. Com isso, o que se quer dizer é que o integralismo deve ser tratado como um problema interno, que mesmo embebido de matizes estrangeiros, tendo o mais famoso destes os fascismos, foi patrocinado por parte considerável da sociedade brasileira do momento. Devemos analisar o integralismo com os “olhos mais limpos possíveis”, para que possamos evitar que movimentos similares possam ascender em meio a condições diversas que sejam similares às daquele momento.

⁵¹ SALGADO, Plínio. Desper-temos a Nação. In: *Obras Completas*. v. 10, 2ª edição. São Paulo: Editora das Américas, 1955, p.142.

⁵² RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A., 1983, p. 41.

⁵³ “A crise do pensamento, a desordem dos sentidos, a anarquia dos impulsos constituem a causa das desgraças nacionais. O problema da ordem não é um problema de polícia: é um problema de cultura.” (Grifo meu). SALGADO, Plínio. Páginas de Ontem. In: *Obras Completas*. v. 10. São Paulo: Editora das Américas, 1955, p. 175.

⁵⁴ Dado apresentado em diversas obras de Salgado e reproduzido em *Carta de Salgado a Getúlio Vargas* apud SILVA, Hélio. 1938: *Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 375.

ANEXO:

Ilustração I: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro-SP – Fundo Plínio Salgado –cx. 003.007.002

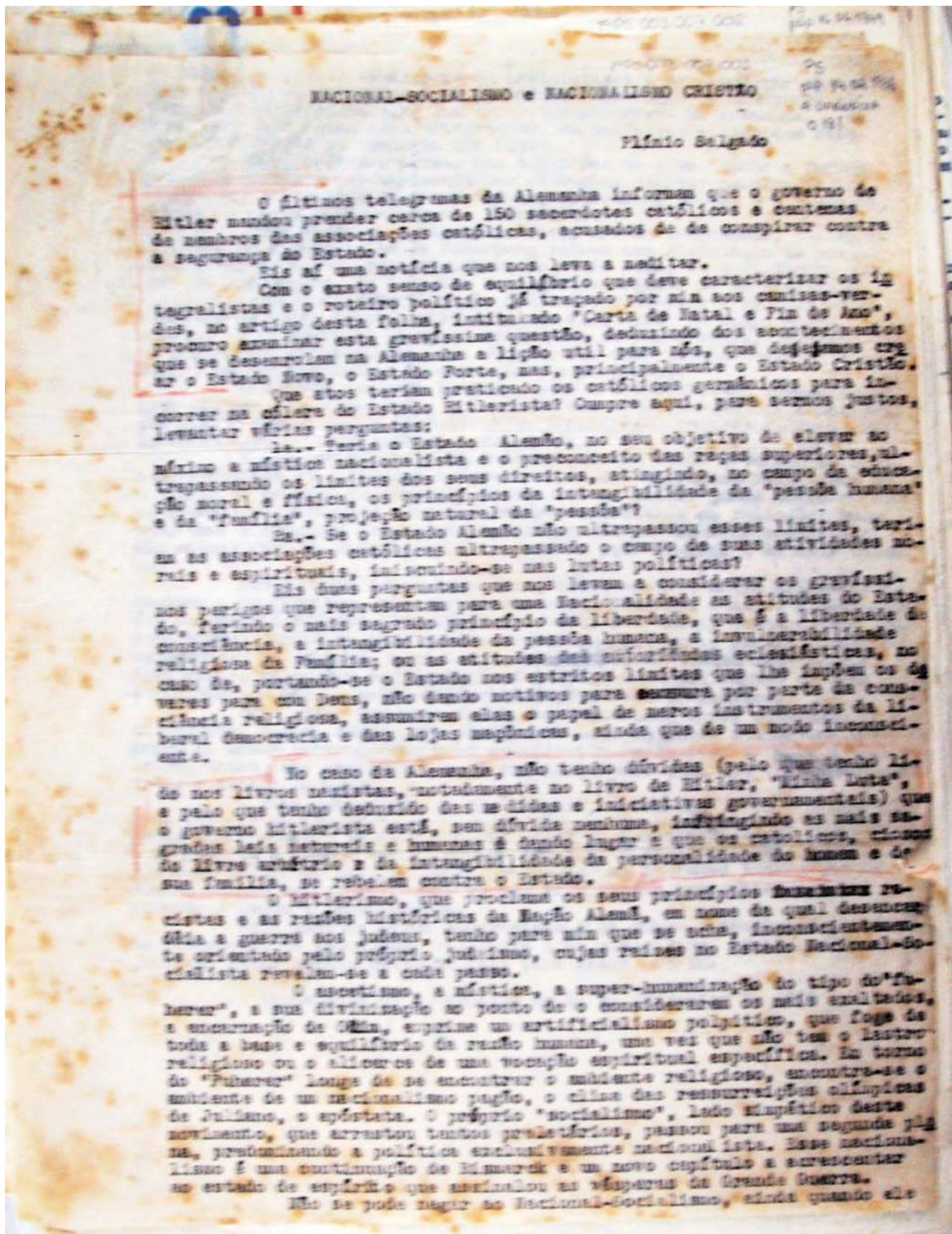


Ilustração 2:

Arquivo Público e Histórico de Rio Claro-SP – Fundo Plínio Salgado –cx. 003.007.002

